

WITTGENSTEIN E O DESAPARECIMENTO DA FILOSOFIA

MANFREDO ARAÚJO DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Ao passarmos de Heidegger a Wittgenstein, sem dúvida alguma, damos um pulo para um mundo radicalmente diferente. Contudo, apesar das diferenças fundamentais, Heidegger e Wittgenstein são considerados por muitos, hoje, como a chave para uma compreensão profunda da estrutura espiritual do tempo em que vivemos.(1) Heidegger e Wittgenstein são iniciadores de correntes de pensamento que, pelo menos numa consideração primeira e rápida, se mostram inteiramente *antagônicas*. O interessante nesta problemática atual da Filosofia é que nomes como *Filosofia da Existência*, *Fenomenologia*, *Ontologia Fundamental*, de um lado, *Filosofia Analítica*, *Positivismo Lógico*, *Semântica*, de outro, exprimem não somente orientações diversas nos métodos e no objeto do conhecimento filosófico, mas são oposições que são consideradas como expressões de mentalidades de culturas diferentes. Explicitando isto na geografia cultural do nosso tempo, teríamos que separar o mundo de cultura anglo-saxão (Inglaterra, Estados Unidos), com irradiações para os países escandinavos, do mundo cultural francês-alemão, com irradiações no sul da Europa e na América Latina. Heidegger representaria o mundo cultural da Europa Central, por isso seus problemas fundamentais permanecem dentro da problemática da Filosofia tradicional. Sua intenção fundamental é superar a tradição do pensamento ocidental, porém, ele não toma como critério a ciência moderna e sua técnica. Muito pelo contrário, elas significam para ele *justamente a forma concreta* hoje do domínio da Metafísica, que deve ser superada: Metafísica funciona hoje como difusão radical da técnica e das ciên-

cias, que lhe servem de instrumento.(2) Esta maneira de pensar apresenta-se em oposição fundamental e radical ao mundo de cultura que Wittgenstein, como discípulo de Bertrand Russel, representa.(3) Sem dúvida alguma, os livros fundamentais de Wittgenstein, ou seja, o *Tractatus Lógico-Philosophicus* (4) e as *Investigações Filosóficas*(5) são hoje considerados os clássicos da assim chamada *Filosofia Analítica*, que se iniciou nos Estados Unidos da América através de Ch. S. Peirce e na Inglaterra através de B. Russel e G. E. Moore. Esta Filosofia é dita, hoje, inclusive por seus partidários, continuadora da tradição empirista inglesa iniciada por Occam, Hobbes, Berkeley, Locke e Hume, de caráter profundamente anti-especulativo e anti-metafísico, e, neste sentido, radicalmente oposta à tradição de pensamento do continente europeu. Embora devamos ser extremamente prudentes em relação a todo simplismo, contudo, parece-nos que a divisão acima mencionada exprime as duas direções fundamentais do pensamento, hoje, ou, pelo menos, deixa a entrever a perspectiva em que o diálogo filosófico se efetua nos nossos dias. Justamente porque seu pensamento significa, também, um questionar radical da Metafísica ocidental no seu caráter de ciência é que Wittgenstein pode ser tratado ao lado de K. Marx e M. Heidegger. Para todos estes pensadores a Metafísica tradicional vive numa *auto-alienação*: auto-alienação em virtude de sua concepção de teoria que a torna uma ideologia segundo Marx; auto-alienação em virtude da não tematização da única pergunta necessária ao pensamento, ou seja, pelo Ser e sua História, segundo M. Heidegger; auto-alienação em virtude de um *abuso da linguagem* segundo Wittgenstein. A pergunta fundamental de Wittgenstein será, portanto, sobre o sentimento das frases filosóficas com a orientação última de mostrar sua falta de sentido. Nossa pergunta fundamental dirigida a Wittgenstein através da exposição de seu pensamento será sobre sua concepção da Filosofia tradicionalmente concebida, que ele considera absurda. Wittgenstein passou, também, como Heidegger, por duas fases em seu pensamento, cuja diferença, embora nós consideremos apenas através de radicalização da posição inicial, contudo devem ser tratadas à parte. Daí por que dividimos nossas considerações em duas partes: na primeira, tratamos do *Tractatus* e, na segunda, das *Investigações Filosóficas*.

1) O TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS E A IMPOSSIBILIDADE DO DISCURSO FILOSÓFICO

O conceito de Metafísica de Wittgenstein é elaborado logo no princípio do *Tractatus*, baseado fundamentalmente nas concepções de B. Russel. O mundo é considerado como a suma de "fatos"(6), que são *copiados* pelos "fatos-sinais" da linguagem(7), ou seja, que são projetados pela linguagem no "campo lógico" como fatos possíveis ou, como "conteúdo" do pensamento.(8) Esta *cópia* ou projeção dos fatos mundanos é possibilitada através de

algo que é comum tanto ao mundo como à linguagem(9) e que Wittgenstein denomina a "forma lógica".(10) Esta forma lógica, por sua vez, ou poderíamos dizer a *unidade fundamental* que reina entre o mundo e a linguagem, não pode ser expressa pela linguagem. A essência da linguagem consiste em copiar os fatos do mundo, o que só é possível porque existe uma forma comum a ela e ao mundo. Porém esta forma não pode, por sua vez, ser expressa em linguagem, já que ela é sua condição de possibilidade. Ou seja, a forma da linguagem e a forma do mundo como a forma de unidade não pode ser copiada, porque ela é a condição que possibilita qualquer cópia. Não podendo ser copiada, ela não pode ser expressa na linguagem, a não ser que o homem se colocasse propriamente num ponto de vista fora da linguagem, o que é impossível. A forma lógica não é exprimível diretamente em linguagem, ela apenas *se mostra* na estrutura lógica da apresentação lingüística dos fatos mundanos.(11)

Ora, esta posição inicial de Wittgenstein está preñe de conseqüências radicais e já lhe fornece o motivo dominante de toda sua filosofia, o que lhe permitirá uma crítica decisiva às frases filosóficas. A Filosofia não pretende elaborar frases que sejam cópias simplesmente dos fatos mundanos baseados na forma *a priori* do mundo e da linguagem, mas ela tem a pretensão de apresentar a própria forma do mundo e da linguagem, ou seja, ela é a tentativa de explicitar a condição última de possibilidade do mundo e da linguagem do homem. Noutras palavras, ela pretende ser a tematização do horizonte último. Wittgenstein não nega a existência de um Horizonte último nesta primeira fase de seu pensamento; muito pelo contrário, usando uma linguagem propriamente metafísica, ele considera este Horizonte como *condição última de possibilidade* tanto da linguagem do homem como do mundo. Suas considerações, portanto, se destinam a mostrar que a *tematização científica* deste Horizonte é impossível e, por isso, a Filosofia é um absurdo. Neste sentido são, também, absurdas as próprias frases de Wittgenstein no seu *Tractatus*, ou seja, a enunciação de suas teses, porque elas não pretendem ser apenas cópias dos fatos, como, por exemplo, as frases das ciências positivas, mas têm a pretensão de fazer afirmações sobre o mundo em sua totalidade, ou seja, pretendem exprimir lingüisticamente a forma comum do mundo e da linguagem. Daí por que sua afirmação em 4.12: "A proposição pode representar a realidade inteira, não pode, porém, representar o que ela deve ter em comum com a realidade para poder representá-la — a forma lógica. Para podermos representar a forma lógica seria preciso nos colocar, com a proposição, fora de lógica; a saber, fora do mundo". O mesmo pensamento exprime Wittgenstein ainda de uma maneira radical referindo-se à linguagem em 3.332: "Nenhuma proposição pode asserar algo sobre si mesma, pois o signo proposicional não pode estar contido em si mesmo". Dentro desta perspectiva as considerações de Wittgenstein significam o fim da Filosofia como ciência, uma vez que todas as suas frases carecem de sentido. O único sentido que Wittgenstein ainda vê na Filosofia é transfor-

má-la numa *atividade*. Este pensamento ele exprime nas seguintes frases: "A finalidade da Filosofia é o esclarecimento lógico do pensamento". "A Filosofia não é teoria mas uma atividade".

"Uma obra filosófica consiste essencialmente em comentários".

"A Filosofia não resulta em "proposições filosóficas", mas em tornar claras as proposições".

"A Filosofia deve tomar os pensamentos que, por assim dizer, são vagos e obscuros e torná-los claros e bem delimitados". (*Tractatus*, 4.112.)

Filosofia como ciência teórica é uma pura arrogância, que consiste na tentativa de construir uma *meta-linguagem*, ou seja, uma tentativa de exprimir lingüísticamente aquilo que numa linguagem racional (portanto portadora de sentido) *apenas se mostra* como condição de possibilidade de linguagem. Ora, como isto é impossível, toda Filosofia é um disparate e por isto mesmo supérflua. A Filosofia deve, portanto, ser superada de um lado em função das ciências positivas(12), do outro lado, em função de imediatidade da vida. O que é exprimível lingüísticamente são frases da ciência natural, que nada têm a ver com a Filosofia.(13) Por outro lado, os problemas da vida, como a felicidade, morte etc. não são objeto de Filosofia.

A solução destes problemas consiste no desaparecimento deles como problema.(14) Se comparamos Wittgenstein com Kant, podemos ver que Kant tentou provar a impossibilidade de uma Metafísica objetivante, transformando, contudo, a antiga *ontologia* em lógica transcendental, isto é, objeto da Filosofia é, para ele, a estrutura do sujeito finito enquanto condição de possibilidade do conhecimento da experiência. Para Kant não só é possível um conhecimento das coisas em suas relações com o sujeito transcendental, mas ainda um conhecimento da própria estrutura do sujeito transcendental enquanto possibilitação do primeiro tipo de conhecimento.(15)

Para Wittgenstein este segundo tipo de conhecimento é, também, impossível pois sem sentido, tanto quanto o conhecimento da Metafísica clássica. Daí por que Wittgenstein pode declarar, num só ato, a tradição do pensamento, metafísico ou transcendental, como absolutamente sem sentido. A ela em conjunto é dirigida a tese final do *Tractatus*: "O que não se pode falar, deve-se calar".(16) Urge continuar nossa comparação com Kant para perceber melhor toda a dimensão do pensamento de Wittgenstein. Há, hoje, toda uma direção da interpretação do pensamento de Wittgenstein, que considera seu pensamento como uma espécie de *kantismo*, ou seja, como determinada forma de *Filosofia Transcendental*.(17) Wittgenstein teria substituído a Filosofia da consciência de Kant pela Filosofia da linguagem, permanecendo, contudo, no mesmo horizonte de problemas. Daí por que o poder denominar-se sua Filosofia de *transcendentalismo da linguagem*.(18) Parece-me importante tomar posição em relação a este tipo de interpretação sobre o pensamento de Wittgenstein para compreender exatamente em que perspectiva ele se coloca. Acho que para perceber de fato o que é o pensamento de Wittgenstein temos que distinguir: 1) o que seria Filosofia para Wittgenstein se ela fosse pos-

sível; 2) o que é, de fato, Filosofia como *atividade*. O sentido desta distinção logo se esclarece, quando nos referimos à interpretação acima mencionada. Minha posição se distingue desta interpretação, enquanto eu afirmo que, *se Filosofia fosse possível*, ela não seria para Wittgenstein uma lógica transcendental no sentido de Kant, mas antes algo semelhante à pergunta pelo Ser em Heidegger.

A forma lógica de que fala Wittgenstein, como sendo aquela condição última de possibilidade do conhecimento, não pode ser interpretada no sentido da subjetividade transcendental em Kant, já que esta forma é anterior à própria subjetividade, ela é condição de possibilidade também da subjetividade. Ela é antes aquela *unidade original* entre subjetividade e mundo, e que, portanto, só pode ser entendida no sentido do Ser em Heidegger. Com isto não pretendo dizer que Wittgenstein tenha tido consciência disto; procuro aqui, apenas, de um modo especulativo, fazer ver em que direções deveria ser orientada a pesquisa filosófica, caso ela fosse possível, tentando fazer explícito o que em Wittgenstein está implícito. Para ele todo o pensamento do Ocidente, tanto a tradição Metafísica clássica como a Filosofia transcendental, são uma tentativa de explicitar esta dimensão, o que Heidegger, naturalmente, não aceita. Contudo, se nos perguntarmos o que é esta dimensão vislumbrada por Wittgenstein, então, a meu ver, ela só pode ser entendida na perspectiva mesma em que Heidegger a entendeu.

Outra coisa é Filosofia enquanto atividade. Sendo a Filosofia, no sentido da tematização científica da forma lógica, impossível, porque absurda(19), a Filosofia tem como única tarefa esclarecer os pensamentos.(20) Isto se realiza buscando as condições formais da linguagem, que possibilitam a ciência, ou seja, o conhecimento científico da realidade.(21) Filosofia enquanto atividade é, então, análise *lógico-formal* da linguagem como condição de possibilidade da ciência.(22) É neste sentido muito geral de buscar as *condições de possibilidades* do conhecimento empírico que se pode falar de um transcendentalismo da linguagem em Wittgenstein e buscar as semelhanças com Kant. De fato, em várias perspectivas, há uma analogia com o pensamento kantiano: a linguagem universal enquanto cópia do mundo corresponde à consciência transcendental em Kant. Neste sentido pode-se dizer que a linguagem enquanto forma lógica (forma lógica entendida aqui não no sentido da unidade original, mas no sentido da lógica formal, a forma reta do pensamento) estabelece as condições de possibilidade do conhecimento do mundo da experiência. Em Kant estas condições eram as formas *a priori* da intuição e do entendimento; em Wittgenstein é a própria sintaxe da língua universal, que estabelece o modelo e determina os limites, dentro dos quais são possíveis afirmações sobre o que é o mundo, ou seja, sobre os fatos, que constituem a realidade. Para Wittgenstein esta linguagem, que é condição de possibilidade do conhecimento científico, não é a linguagem comum, mas a *linguagem da lógica formal*. Muito pelo contrário, a linguagem comum é *normada* pela

linguagem ideal, ou seja, pela linguagem universal da lógica formal: a linguagem comum deve, por assim dizer, ser reconstruída através de sua redução à linguagem ideal.

Se esta redução não é possível, então, esta linguagem, ou estas frases, não têm sentido. Apesar, contudo, destas semelhanças com Kant, não devemos esquecer as diferenças fundamentais, pois a lógica de Wittgenstein permanece uma *lógica-formal*. Ora, a lógica formal parte sempre de um fato como pressuposição fundamental: o fato dos conteúdos de pensamento e de sua expressão lingüística em proposições. Seu objeto de consideração é apenas a verdade lógica destas proposições, ou seja, ela pretende mostrar a retidão das proposições.(23) A lógica transcendental se propõe outra coisa: ela põe em questão a facticidade deste fato, ou seja, ela procura sua gênese, sua origem na estrutura da consciência finita. Para Wittgenstein isto é impossível, dado que já seria uma tentativa de meta-linguagem. Ora, é a partir daqui que surgem problemas inúmeros na explicação da linguagem como Wittgenstein a concebe, ou seja, as aporias de ter um caráter transcendental sem o ser de fato. Não podemos aqui tratar destes problemas em detalhes.

Vale ainda a pena lembrar aqui que esta concepção da linguagem científica unitária (a linguagem universal da lógica formal) é profundamente influenciada pela concepção de B. Russell exposta em seus *Principia Mathematica*, ou seja, a linguagem é entendida *atomicisticamente*: toda frase complexa é reduzível a frases elementares. Estas frases são cópias da realidade: cada frase elementar é ordenada a um fato. Wittgenstein vai além de Russell, enquanto ele põe a pergunta explícita de como a linguagem pode tornar possível o conhecimento da realidade. Contudo, já que a lógica formal é tomada como princípio último, o sentido presente no conhecimento é reduzido ao tautológico $A=A$ da Matemática, ou seja, o único princípio desta lógica é o princípio formal de identidade. Wittgenstein não hesitou em tirar as conseqüências de sua teoria da linguagem. No fim do *Tractatus* ele escreveu: "Minhas proposições se elucidam do seguinte modo: quem me entende, por fim as reconhecerá como absurdas, quando, graças a elas — por elas — tiver escalado para além delas. (É preciso, por assim dizer, jogar fora a escada depois de ter subido por ela). Deve-se vencer essas proposições para ver o mundo corretamente". "O que não se pode falar, deve-se calar".(24) Numa palavra, todo o seu *Tractatus* é um livro sem sentido. Sem dúvida, conseqüência mais radical é impossível, por outro lado uma simplificação maior é quase também impossível. Pois, por exemplo, que significa: aquele que me entender? O que é que implica este entender suas frases? Sem dúvida alguma, uma *lógica* (logos) que está além da lógica de que fala Wittgenstein. Enquanto ele nos escreve frases, enquanto estas frases pressupõem um entender, está aí implícita uma outra lógica mais universal, mais profunda do que a própria lógica formal. Wittgenstein não tem a menor consciência do que está implícito naquilo que ele afirma.

2) AS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS E O RETORNO À LINGUAGEM COMUM (ORDINARY LANGUAGE)

Em seu *Tractatus* Wittgenstein condena a Filosofia enquanto Metafísica, porque ela é uma *tentativa inútil*: a tentativa de exprimir, linguísticamente, as condições últimas de possibilidade da cópia do mundo realizada pela linguagem. Falando em termos heideggerianos, podemos definir sua posição do seguinte modo: a lógica de nossa linguagem só nos permite fazer afirmações sobre os fatos ônticos e não sobre o Ser, como sua condição de possibilidade última. Nossa linguagem nos prende aos fatos dentro de um mundo, o "mundo mesmo" permanece oculto.

Depois do retorno de Wittgenstein para a Inglaterra em 1929, começou um movimento em seu pensamento, que o vai levar a mudar profundamente sua concepção da linguagem, apesar de que, como veremos, sua posição com respeito à Filosofia permaneça idêntica à do *Tractatus*. Esta reviravolta em seu pensamento está contida em sua segunda obra clássica, as *Investigações Filosóficas*, que só se publicaram depois de sua morte. O fato fundamental, que caracteriza esta segunda fase de pensamento, é a *orientação nova* da análise da linguagem. No *Tractatus*, como vimos, a análise da linguagem era essencialmente *reducionista*: ela tinha como finalidade primeira reduzir a linguagem comum à formalizada da lógica. Nisto consistia justamente o papel esclarecedor da Filosofia: o de esclarecer as frases através de sua transformação em expressões da linguagem universal, ou seja, da linguagem da lógica formal. Neste sentido esta análise significa uma fuga da vida concreta e prática do homem em função da análise de formas abstratas que, enquanto normas, deveriam servir de critérios para o julgamento do sentido ou não da linguagem comum. Ora, esta análise pretendia ser um esclarecimento da razão pura do homem, o Wittgenstein da segunda fase vai encontrar a razão prática do homem, procurar esclarecer as relações entre linguagem e ação humana. Para falar com Habermas(25), Wittgenstein passa do plano de uma análise formal da linguagem, que haverá de redescobrir as relações entre linguagem e vida social. Wittgenstein chega a esta posição através de uma crítica da concepção da linguagem na Filosofia ocidental, inclusive de sua própria posição no *Tractatus* que ele considera como influenciada por esta posição. Para ele o modelo dominante na Filosofia da linguagem desde Aristóteles é a idéia de que as palavras possuem um sentido, enquanto elas designam alguma coisa, ou seja, que, em última análise, as palavras são apenas *nomes dados às coisas presentes*. Para Wittgenstein todo o pensamento do Ocidente é neste sentido, *nominalismo*: se digo que as palavras designam algo, já me ponho numa perspectiva nominalista, pouco importando se o que é designado pela palavra é uma essência universal que existe nas coisas singulares ou se é apenas a coisa singular mesma, que é designada. Nesta mesma perspectiva da tradição pensam, também, segundo Wittgenstein, os nomina-

listas do Século XX, ou seja, os reformadores "matemáticos" da lógica da linguagem como B. Russell e ele mesmo no *Tractatus*. Para ele o erro fundamental dos nominalistas consiste no fato de eles nunca fazerem uma verdadeira descrição do *uso concreto* das palavras, o que, aliás, não é possível, quando já se supõe que elas *são apenas* um nome *designativo*.(26) Segundo Wittgenstein, porém, esta concepção da palavra como sinal designativo não é inteiramente falsa, porque ela é, de fato, a expressão de uma forma concreta de um jogo de linguagem determinado, que existe, de fato, na vida concreta do homem, que é justamente o do método da aprendizagem. O erro aqui consiste apenas em considerar um único jogo de linguagem como a expressão da própria essência da linguagem humana. Esta posição pressupõe que o homem já conhece um mundo de objetos e que a aprendizagem de uma língua consiste essencialmente só na descoberta da designação exata destes objetos. Foi justamente nesta perspectiva, diz Wittgenstein, que Agostinho descreveu sua própria aprendizagem da língua. Agostinho se esquece, contudo, de que uma criança ainda não possui uma articulação estrutural do sentido do mundo e das coisas à qual só faltam as palavras. Para Wittgenstein só pode entender um tal esclarecimento quem já possui um conhecimento anterior(27), que serve de mediação para o conhecimento novo. Por isto, quando Agostinho compara o aprender uma linguagem a um esclarecimento indicador, então, diz Wittgenstein, para ele aprender uma língua seria a mesma coisa que quando uma criança viesse a um país estrangeiro não sabendo a língua desse país: isto é, como se a criança já tivesse uma língua somente, porém não esta determinada deste país. Ou melhor, como se a criança já pudesse *pensar* realidades, porém não ainda falar.(28) A língua nesta concepção não só é algo inteiramente distinto também do pensamento, mas, em última palavra, algo de mecânico, separado, também, da vida concreta do homem.

O que Wittgenstein pretende trazer de novo à especulação sobre a linguagem humana ele exprime através do conceito de *jogo de linguagem*, o qual é concebido como a unidade entre uso da língua, a *práxis* é a interpretação de uma situação, ou seja, numa palavra, como *forma de vida*. Com a identificação entre linguagem e forma de vida a análise lingüística toma um sentido inteiramente novo: ele não se limita mais à procura da linguagem formal como condição de possibilidade da ciência positiva, mas está em princípio aberta a tudo o que é fenômeno lingüístico. A própria ciência positiva é concebida como tendo seus fundamentos num determinado jogo de linguagem como forma de vida. Linguagem como forma de vida é concebida, agora, essencialmente, no Horizonte das *relações interpessoais*, ou seja, como condição de possibilidade da comunicação intersubjetiva, ou seja, da *práxis humana*. Deste modo são vistas mais de uma vez as relações íntimas entre linguagem e *práxis*.(29) Um jogo de linguagem só é inteligível a partir de um contexto de uma ação comunicativa, daí o uso de símbolos, a reação a determinadas expectativas etc. Por esta razão, saber uma língua significa *ter* um certo

poder: A gramática da palavra "saber" é certamente muito *afim* à gramática da palavra "poder", "ser capaz de". Mas, também, muito *afim* à palavra "compreender" ("Dominar" uma técnica).(30)

É claro que esta expressão de Wittgenstein é, sumamente, ambígua, pois falar de "dominar uma técnica" pode dar a entender que a compreensão da linguagem humana é semelhante ao domínio da natureza mediado pelas leis descobertas pelas ciências empírico-matemáticas. Aqui se trata essencialmente da compreensão, não de leis da natureza, mas, se quisermos, de *leis das relações interpessoais*, pois na linguagem humana se faz atual o próprio conteúdo destas relações. Neste sentido, pode-se dizer que análise da linguagem significa análise, tematização, reflexão sobre o conteúdo do *agir* humano enquanto realização da comunicação entre os homens. É impossível separar linguagem da vida concreta do homem num determinado mundo de ação. Daí por que para Wittgenstein aprender uma língua não é dar uma explicação, mas é antes de tudo um *adestramento* à praxis, de que a linguagem é expressão. Wittgenstein conclui daqui que toda tentativa de reduzir a linguagem humana a uma linguagem universal de caráter formal não tem sentido, pois esta linguagem estaria, neste caso, inteiramente separada do verdadeiro Horizonte, onde se enraíza qualquer linguagem humana, ou seja, a ação concreta intersubjetiva. Daí por que ele considera a tentativa do *Tractatus* como sem sentido.(31) A análise da linguagem passará, portanto, da redução a uma linguagem universal à explicação desta ordem perfeita presente à linguagem comum dos homens. Trata-se, portanto, de uma compreensão, que busca o sentido *imane*nte à própria linguagem concreta do homem, e não de uma busca de sentido através da construção de uma outra linguagem. A análise não é redução, mas interpretação do sentido implícito à linguagem comum. Mas em que condições é possível tal esclarecimento da linguagem humana? Segundo Wittgenstein, enquanto nós somos capazes de conceber possíveis situações do uso de símbolos: "Imagina-te, que tu chegas como pesquisador a um país desconhecido com uma língua totalmente estranha. Sob que condições poderás dizer que as pessoas aí dão ordens, entendem ordens, seguem ordens, opõem-se a ordens etc? A maneira de agir comum do homem é o sistema de relação, por meio do qual nós interpretamos para nós a língua estranha".(32) Contudo, não se trata apenas de uma observação do comportamento dos homens, mas de uma participação verdadeira na ação: "Certo ou errado, é o que os homens *dizem*: e na linguagem estão os homens de acordo. Isto não é, contudo, um acordo de opiniões, mas da forma de vida".(33) Linguagem e vida, linguagem e ação se articulam na medida em que a linguagem nada mais é do que a *expressão*, a manifestação da vida, da ação do homem. Tudo isto nos mostra que o grande esforço de Wittgenstein, efetuado nesta segunda fase do seu pensamento, tem como finalidade uma volta à imediatidade, à linguagem imediata do dia-a-dia. Daí por que os jogos de linguagem se apresentam como motivo central, o *cerne* mesmo de suas considerações filosóficas.

Que significa isto para a Filosofia? Redescobre Wittgenstein, através desta reviravolta de seu pensamento, um sentido de Filosofia distinto do de sua primeira fase? A mudança de perspectiva não significa a redescoberta de um sentido para a Filosofia, mas significa apenas a transposição da problemática inicial a uma dimensão, ou seja, à dimensão da linguagem comum. E isto ele exprime com toda a clareza: "Um problema filosófico tem a forma: "não sou versado nisto" (não conheço isto). A Filosofia não deve violar de nenhuma maneira o uso fático da língua, em última palavra ela só pode descrevê-lo. Pois ela não pode justificá-lo. Ela deixa tudo como é".(34) Com esta frase ele anuncia a verdadeira tarefa da Filosofia nesta segunda fase: a Filosofia deve fazer desaparecer o abuso da linguagem, que se mostra na elaboração dos problemas filosóficos. Filosofia era no *Tractatus* a fuga da linguagem comum em função da elaboração de uma linguagem universal de caráter lógico-formal, que deveria funcionar como norma para a linguagem comum, possibilitando assim uma linguagem científica, cujo primeiro predicado era a exatidão. A volta à linguagem comum traz à Filosofia a missão de desmascarar o uso abusivo da linguagem, em que problemas filosóficos são tratados. Isto significa de fato distinguir entre *Filosofia e problemas filosóficos*. A Filosofia tem como finalidade a solução dos problemas filosóficos. Que significa esta solução? Wittgenstein interpreta suas próprias considerações como pura *descrição*. (*Fenomenologia da linguagem*). (35)

A análise da linguagem continua, portanto, também aqui, a substituir o que a Filosofia pretendia fazer, embora as razões apresentadas em ambas as fases do pensamento não sejam as mesmas.

Em todo caso, se é que investigações filosóficas ainda têm um sentido, este será o de fazer desaparecer qualquer problema filosófico: "Não queremos requintar ou aperfeiçoar, de um modo inaudito, o sistema de regras para uso de nossas palavras. Pois, a clareza que pretendemos atingir, é total. Isto significa apenas que os problemas filosóficos devem desaparecer totalmente".(36) A Filosofia só existe, portanto, enquanto ela mostra como absolutamente supérfluo todo problema propriamente filosófico, ou seja, enquanto ela faz Filosofia propriamente *desaparecer*. Como é que a Filosofia poderá cumprir esta tarefa, ou seja, como ela poderá mostrar seu caráter supérfluo? "A verdadeira descoberta é aquela que me torna capaz de interromper o filosofar, quando eu quero. — Aquela que faz calar a Filosofia, assim que ela não seja mais fustigada por perguntas, que põem em questão seu próprio sentido. Mas agora se mostra à luz de exemplos. Não existe apenas um método de Filosofia, mas certamente métodos, igualmente diferentes terapias".(37) A Filosofia se reduz, portanto, a uma terapia, destinada a curar o homem do abuso de sua própria linguagem. A primeira pergunta que podemos fazer a Wittgenstein é o que ele faz propriamente?

Tudo isto que ele diz pode ser reduzido a uma pura *descrição* da linguagem da vida comum? Que não se trata de uma descrição já está claro pelo próprio anúncio da tarefa da Filosofia: a Filosofia *deve* fazer desaparecer

os problemas filosóficos. Isto jamais pode ser uma descrição da linguagem comum. Por outro lado, não é esta vingança da linguagem um indício de que a linguagem comum contém implícito muito mais do que Wittgenstein supunha? Quais são as pressuposições implícitas da própria linguagem de Wittgenstein? Podemos dizer que o desaparecimento da Filosofia em Wittgenstein significa apenas a *recusa de* procurar explicitar seus próprios pressupostos. Isto significa ignorar as próprias bases da teoria que se quer defender.

NOTAS

- (1) Cf. K. O. APEL, Wittgenstein und Heidegger, Die Frage nach dem Sinn von Sein und der Sinnlosigkeitsverdacht gegen alle Metaphysik em: Heidegger, ed. por O. Poegeller, Koeln-Berlim, 1969; M. A. DE OLIVEIRA, Heidegger e o fim da filosofia, *Rev. de Ciências Sociais*, Vol. V, n.º 1, Fortaleza, 1974.
- (2) Cf. M. HEIDEGGER, Das Ende der Philosophie und die Aufgabe des Denkens em: Zur Sache des Denkens, Tuebingen, 1969, 64: "Die Ausfaltung der Philosophie in die eigenstaendigen, unter sich jedoch immer entschiedener kommunizierenden Wissenschaften ist die legitime Vollendung der Philosophie. Die Philosophie endet im gegenwaertigen Zeitalter. Sie hat ihren Ort in der Wissenschaftlichkeit des gesellschaftlich handelnden Menschentum gefunden".
- (3) Cf. W. STEGMUELLER, Haaptstroemungen der Gegenwartsphilosophie, Berlin, 1965.
- (4) Publicado pela primeira vez nos anais de filosofia da natureza de Ostwald em 1921 e depois numa edição bilingüe (inglês-alemão) com uma introdução de B. Russel em Londres, 1922.
- (5) Publicadas somente depois de sua morte numa edição bilingüe (inglês-alemão) em Londres, 1958.
- (6) Cf. L. WITTGENSTEIN, Tractatus logico-philosophicus, tradução brasileira de José Arthur Giannotti, São Paulo, 1968, 1.1: "O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas." 1.2: "O mundo se revolve em fatos."
- (7) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 3.01: "A totalidade dos pensamentos verdadeiros é figuração do mundo". 2.141: "A figuração é um fato". 2.12: "A figuração é um modelo da realidade".
- (8) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 3: "Pensamento é a figuração lógica dos fatos".
- (9) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 2.161: "Deve haver algo idêntico na figuração e no afigurado a fim de que um possa ser a figuração do outro".
- (10) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 2.18: "O que cada figuração, de forma qualquer, deve sempre ter em comum com a realidade para poder afigurá-la em geral — correta ou falsamente — é a forma lógica, isto é, a forma da realidade".
- (11) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 4.12: "A proposição pode representar a realidade inteira, não pode, porém, representar o que ela deve ter em comum com a realidade para poder representá-la — a forma lógica. Para podermos representar a forma lógica seria preciso nos colocar, com a proposição, fora da lógica; a saber, fora do mundo." 4.121: "A proposição não pode representar a forma lógica, esta espelha-se naquela. Não é possível representar o que se espelha na linguagem. O que se

- exprime na linguagem não podemos expressar por meio dela. A proposição *mostra* a forma lógica da realidade. Ela a *exibe*".
- (12) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 4.11: "A totalidade das proposições verdadeiras é toda a ciência da natureza (ou a totalidade das ciências naturais)".
 - (13) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 6.53: "O método correto em filosofia seria propriamente dizer a não ser o que pode ser dito, isto é, proposições das ciências naturais — algo, portanto, que nada tem a ver com a filosofia; e sempre que alguém quisesse dizer algo a respeito da metafísica, demonstrar-lhe que não conferiu denotação a certos signos de suas proposições. Para outrem esse método não seria satisfatório — ele não teria o sentimento de que lhe estaríamos ensinando filosofia — mas seria o único método estritamente correto".
 - (14) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 6.521: "Observa-se a solução dos problemas da vida no desaparecimento desses problemas".
 - (15) É precisamente nisto que consiste, segundo Kant, a diferença entre lógica *formal* e *transcendental*. Cf. I. KANT, KrV B 79, 80/A 55; B 81, A 56, 57; B 82, 83/A 58 (citado de acordo com a edição da Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1966).
 - (16) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 7: "O que não se pode falar, deve-se calar".
 - (17) Cf. W. STEGMUELLER, *Hauptstroemungen der Gegenwartsphilosophie*, Berlin, 1965, 554, 555: "Die Theorie des "Tractatus" mündet in eine philosophische Position, die sich im Prinzip mit Kants transzendentelem Idealismus deckt... Mit einem Schlagwort koennte man sagen, dass er Kants transzendentalem Idealismus von der Ebene der Vernunft auf die Ebene der Sprache transformierte".
 - (18) A perspectiva "transcendental" do pensamento de Wittgenstein foi elaborada, por primeiro, por E. STENIUS em seu livro: *Wittgenstein's tractatus, a critical exposition of its main lines of thought*, Oxford, 1960. Na mesma linha de pensamento se situam as pesquisas de K. O. APEL, *Die Entfaltung der sprachanalytischen Philosophie und das Problem der Geisteswissenschaften*, em: *Phil. Jahrbuch 72*, Muenchen, 1965, 239 ss; K. O. APEL, *Wittgenstein und das Problem des hermeneutischen Verstehens*, em: *Zeitschrift fuer Theologie und Kirche 63*, 1966, 49 ss; K. O. APEL, *Wittgenstein und Heidegger. Die Frage nach dem Sinn von Stein und der Sinnlosigkeitsverdacht gegen alle Metaphysik*, em: Heidegger, ed. por O. Poeggeler, Koeln-Berlin, 1969, 358 ss; J. HABERMAS, *Zur Logik der Sozialwissenschaften*, Frankfurt a.M., 1970, sobretudo 220 ss; E. HEINTEL, *Die beiden Labyrinth der Philosophie*, Wien-Muenchen, 1968; W. STEGMUELLER op. cit. na nota 17.
 - (19) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 4.003: "A maioria das proposições e questões escritas sobre temas filosóficos não são falsas mas absurdas. Por isso não podemos em geral responder a questões dessa espécie, apenas estabelecer seu caráter absurdo. A maioria das questões e das proposições dos filósofos se apóiam, pois, no nosso desentendimento da lógica da linguagem".
 - (20) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 4.113: "A filosofia delimita o domínio contestável das ciências naturais"; 4.114: "Deve delimitar o pensável e com isso o impensável. Deve demarcar o impensável do interior por meio do pensável".
 - (21) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 4.0031: Toda filosofia é "crítica da linguagem".
 - (22) A lógica formal sempre se entendeu como uma disciplina do pensamento, não no sentido dos atos psíquicos (psicologismo), mas enquanto

conteúdo e sobretudo das *relações normativas* dos conteúdos do pensamento. Ela parte do pressuposto de que a linguagem do homem pretende ser racional, isto é, pretende atingir uma comunicação entre os homens e que por isto mesmo ela é, pelo menos em princípio, controlável em seu sentido e inteligível em sua retidão. O que a lógica pretende elucidar são as *normas que garantem esta retidão*. Como doutrina das *frases autorizadas* ela é condição necessária da linguagem científica.

- (23) Cf. L. HEGENBERG, *Lógica Simbólica*, São Paulo, 1966, 42: "A determinação da verdade das premissas é tarefa de pesquisas científicas. Validade ou não validade da argumentação é que cabe à lógica determinar, mesmo em casos de premissas falsas.
- (24) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 6.54.
- (25) Cf. J. HABERMAS, op. cit. 231.
- (26) Cf. L. WITTGENSTEIN, *Philosophische Untersuchungen*, Frankfurt a. M., 1967, 383: "Nominalisten machen den Fehler, dass sie alle Woerter als *Namen* deuten, also ihre Verwendung nicht wirklich beschreiben, sondern sozusagen nur eine paierene Anweisung auf so eine Beschreibung geben". De fato, a filosofia ocidental da linguagem é, em suas linhas gerais, baseada na concepção platônica da linguagem, expressa principalmente em seu diálogo "Kratylos". Platão parte do debate entre duas teorias, que propõem determinar a relação entre *palavra* e *realidade*: a do *convencionalismo*, que fundamenta a unidade da língua numa convenção humana, estabelecida através do exercício da linguagem e a do *naturalismo*, que admite uma conveniência natural entre coisa e linguagem. É evidente que ambas as posições partem da divisão ou diferença fundamental entre palavras existentes e coisas sabidas. Elas pressupõem que palavras e coisas sabidas são realidades que existem independentes entre si, cuja relação se deve procurar posteriormente. Platão não procura mostrar a falsidade de ambas as posições através da ostensão de sua pressuposição fundamental não justificada, mas dirige suas reflexões no sentido de mostrar o conhecimento adequado ao real. Ele tenta mostrar que o ente é cognoscível a partir de si mesmo, independentemente das palavras. Com isto, ele não pretende afirmar que este conhecimento não seja mediado pelas palavras, mas somente que não é a palavra, que nos dá acesso à verdade, mas muito pelo contrário, é a partir do conhecimento do real que sabemos da conveniência das palavras. A linguagem é reduzida assim a um *momento externo* ao conhecimento das coisas; ela é, apenas, um *signal* designativo de um ente já conhecido previamente, em seu ser. Um *signal* tem como específico o fato de ele possuir um ser próprio e além disso ser usado para indicar um outro ente. Existe, nesta concepção, uma diferença entre *ser* e *significação*, que é completa. Na medida em que a filosofia ocidental da linguagem se baseia nesta doutrina platônica tem, de fato, razão Wittgenstein de dizer, que, no fundo, a linguagem era considerada como algo secundário e externo ao conhecimento e à ação do homem. No entanto, podemos ver que esta perspectiva platônica não é a única na concepção da linguagem na filosofia do Ocidente. Em primeiro lugar há, no próprio Platão, uma tendência a pensar a palavra como *Imagem* do real, o que abre novas perspectivas no sentido de pensar a unidade fundamental entre palavra e realidade, pois a palavra não tem um ser próprio, que a distinguisse inteiramente do ser do qual ela é imagem. Ela é, em si mesma, uma reprodução deste ser, uma afirmação, que pressupõe uma profunda unidade entre as duas realidades. Em segundo lugar, surgiu, na Idade Média, através das tentativas da teologia cristã de pensar a realidade de Deus, uma concepção

da linguagem humana completamente distinta da perspectiva grega e que traz algo de realmente novo às especulações filosóficas sobre a linguagem. Para os medievais, a gênese da palavra no espírito humano é imagem da geração eterna do Verbo, Filho de Deus. Esta idéia de gênese da palavra imanente ao pensamento revoluciona a concepção grega da linguagem. Wittgenstein ignora, em sua crítica à concepção ocidental da linguagem, esta dimensão nova aberta pelo pensamento medieval. Cf. a respeito desta problemática: H. G. GADAMER, *Wahrheit und Methode*, seg. ed., Tuebingen, 1965, sobretudo 383-415.

- (27) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 30: "Man muss schon etwas wissen (oder koennen), um nach der Benennung fragen zu koennen".
- (28) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 32.
- (29) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit. 7: "Ich werde auch das Ganze: der Sprache und der Taetigkeiten, mit denen sie verwoben ist, das "Sprachspiel" nennen".
- (30) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit., 150: "Die Grammatik des Wortes "wissen" ist offenbar eng verwendet der Grammatik der Worte "koennen", "imstande sein". Aber auch eng verwandt der des Wortes "verstehen". (Eine Technik "beherrschen").
- (31) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit., 98: "Einerseits ist klar, dass jeder Satz unserer Sprache "in Ordnung ist, wie er ist". D.h., dass wir nicht ein Ideal *anstreben*: Als haetten unsere gewoehnlichen, vagen Saetze noch keinen ganz untadelhaften Sinn und eine vollkommene Sprache waere von uns erst zu konstruieren. — Andererseits scheint es klar: Wo Sinn ist, muss vollkommene Ordnung sein. — Also muss die vollkommene Ordnung auch im vagsten Satze stecken.
- (32) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit., 206: "Denke, du kaemst als Forscher in ein unbekanntes Land mit einer dir gaenzlich fremden Sprache. Unter welchen Umstaenden wuerdest du sagen, dass die Leute dort Befehle geben, Befehle verstehen, befolgen, sich gegen Befehle auflehnen, usw.?" Die gemeinsame menschliche Handlungsweise ist das Bezugssystem, mittels welches wir uns eine fremde Sprache deuten".
- (33) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit., 241: "Richtig und falsch ist, was Menschen *sagen*; und in der *Sprache* stimmen die Menschen ueberein. Dies ist keine Uebereinstimmung der Meinungen, sondern der Lebensform".
- (34) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit., 123: "Ein philosophisches Problem hat die Form: "Ich kenne mich nicht aus". 124: "Die Philosophie darf den tatsaechlichen Gebrauch der Sprache in keiner Weise antasten, sie kann ihn am Ende nur beschreiben. Denn sie kann ihn auch nicht begruenden. Sie laesst alles wie es ist".
- (35) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit., 109: "Alle *Erklaerung* muss fort, und nur Beschreibung an ihre Stelle treten. Und diese Beschreibung empfaengt ihr Licht, d. i., ihren Zweck, von den philosophischen Problemen. Diese sind freilich keine empirischen, sondern sie werden durch eine Einsicht in das Arbeiten unserer Sprache geloest, und zwar so, dass dieses erkannt wird: *entgegen* einem Trieb, es misszuverstehen. Die Probleme werden gelost, nicht durch Beibringen neuer Erfahrung, sondern durch Zusammenstellung des laengst Bekannten. Die Philosophie ist ein Kampf gegen die Verhexung unseres Verstandes durch die Mittel unserer Sprache".
- (36) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit., 133: "Wir wollen nicht das Regelsystem fuer die Verwendung unserer Worte in unhoerter Weise verfeinern oder vervollstaendigen. Denn die Klarheit, die wir anstreben, ist aller-

dings eine *vollkommene*. Aber das heisst nur, dass die philosophischen Probleme *vollkommen* verschwinden sollen”.

- (37) Cf. L. WITTGENSTEIN, op. cit., 133: “Die eigentliche Entdeckung ist die, die mich fähig macht, das Philosophieren abzubrechen, wann ich will. — Die die Philosophie zur Ruhe bringt, sodass sie nicht mehr von Fragen gepeitscht wird, die *sie selbst* in Frage stellen... Es gibt nicht *eine* Methode der Philosophie, wohl aber gibt es Methoden, gleichsam verschiedene Therapien”.